

Para encerrar as comemorações do Cinquênio do GLOBO, o 30º aniversário do Sistema Globo de Rádio e o 10º da Rede Globo de Televisão, será realizada no MAM do Rio, a partir de depois de amanhã, até dia 18 de dezembro, uma exposição excepcional: ela terá oito quadros de Chagall, cinco de Utrillo, dois de Klee, dois de Magritte, dois de Miró, dois de Ernst, um de Tanguy, um de Dali e um de Vieira da Silva. Serão ao todo 31 obras (26 óleos, dois guaches

- Picasso
- Chagall
- Klee
- Kandinsky
- Miró
- Max Ernst
- Utrillo
- Magritte
- Vieira da Silva
- Léger
- Tanguy
- Dali

e três aquarelas), de porte médio ou grande, de doze artistas que estão, definitivamente, entre os mais importantes do século XX, quase todos ligados à Escola de Paris. Esta mostra de arte contemporânea internacional, patrocinada pelo GLOBO e pela Rede Globo de Televisão, é organizada pelas Galerias Daniel Malingue, de Paris, e Davlyn, de Nova Iorque. Elas recolheram as obras no seu próprio acervo e no de outras galerias e coleções particulares. A mostra seguirá depois para São Paulo.

31 quadros da melhor pintura do século

Chagall: entre o passado e o futuro

De Marc Chagall (1887, Rússia) serão apresentados nada menos de oito quadros, dois guaches recentes, de 1974 e 1975, e seis óleos, nos quais aparecem alguns dos temas principais que, desde o início, percorrem sua obra: o violonista judeu, amante com buquê de flores, bezerros, pássaros, mulheres, relógios, sua aldeia natal, tudo isso levitando em uma composição leve e barroca. Residindo em Paris desde 1910, cidade que ele considera sua segunda Pátria, Chagall nunca conseguiu de fato esquecer Vitebsk, onde nasceu e viveu sua infância e juventude. Por outro lado, jamais esconde um certo pessimismo ou medo em relação ao futuro final, como todo judeu é extremamente sensível às mudanças sociais, às ameaças de guerra, às perseguições raciais. Por isso mesmo, sua obra funciona como uma espécie de pendulo, em diversos planos: ou entre o passado (que nunca esquece, e que busca como proteção) e o futuro (ao qual nunca aderiu totalmente), daí o caráter flutuante e aéreo de suas composições. Seus personagens sobjetos nunca se plantam solidamente no chão, bezerros contemplam a lua, jovens amantes navegam em embarcações de flores, ilicamente, e o violonista judeu passa sobre telhados, que podem ser de Paris ou Vitebsk. Entre a dor expressionista e os vãos oníricos do Surrealismo, Chagall construiu sua obra, enriquecendo com sua rica imaginação a realidade visual do mundo moderno.



"A família", óleo sobre tela, 1969/71, de Marc Chagall.

Vieira da Silva: a cidade

Maria Helena Vieira da Silva nasceu em Lisboa, em 1908, passando a residir em Paris, a partir de 1928. Tendo como mestres artistas franceses, Vieira da Silva é considerada hoje uma artista da Escola de Paris. Foi aliás representando a França que obteve o Grande Prêmio da Bienal de São Paulo, em 1961. Sua pintura, serena e discreta, geralmente parte da paisagem urbana (edifícios) a qual vai sendo desfigurada até quase a abstração. Persiste, no final, apenas uma trama xadrezada, algo como cidades iluminadas, em composições quase sempre verticais. Casada com o húngaro Arpa Szenes, ambos residiram no Brasil, entre 1940 e 1947, período em que transmitiram seus conhecimentos a vários de nossos mais conhecidos artistas.



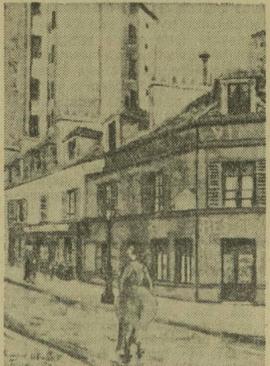
"A cidade", óleo sobre tela, 1957, de Maria Helena Vieira da Silva.



"Os órgãos da noite", óleo sobre tela, 1953, de René Magritte.

Magritte: arte como conhecimento

A obra de René Magritte (nascido na Bélgica, em 1898) está em franco processo de revisão. Muito mais que um pintor surrealista, sem dúvida um dos precursores da arte conceitual e mesmo de certos realismos atuais, Magritte exerce hoje uma notável influência sobre os artistas mais jovens. Após interessar-se rapidamente pelo Cubismo e pelo Futurismo, Magritte reuniu-se ao grupo surrealista de Paris, onde viveu cinco anos e tornou-se amigo de Eluard. Porém, para Claude Spaak, "enquanto a maior parte dos pintores surrealistas fazia parte do automatismo, da atividade paranoíca ou da exploração dos sonhos, referindo-se ao modelo puramente interior, Magritte interessava-se antes de tudo pelo mundo que o envolve e por seus objetos. Ele deseja revelar a existência destes por uma representação realista e todavia poética, fazendo da pintura ao mesmo tempo um meio de liberação e um instrumento de conhecimento".



"Cenas de rua", óleo sobre tela, 1924, de Maurice Utrillo.

Utrillo: enigma indecifrável

Muitos quadros de Maurice Utrillo (1883-1955) podem ser vistos ao vivo: são as esquinas, travessas, telhados e praças vazias e quietas até hoje existentes em Paris. Utrillo, do qual serão vistos cinco telas, datadas de 1919 a 1932, é o pintor de Paris, em seu estilo realista, quase fotográfico. "Com uma consciência minuciosa de artista-pedreiro e um misticismo de construtor de catedral, organiza amorosamente as fachadas sujas e desnudas dos casebres de Montparnasse, onde nasceu, exprime a monotonia desesperada das ruas retílineas do subúrbio, a tristeza dos corredores e ruelas, a pacífica rusticidade dos pequenos lugares camponeses", diz de sua obra o crítico Frank Elgar.

Contudo, esta calma de sua obra, esconde uma vida marcada pelo sofrimento e pela miséria existencial. Filho natural de Suzanne Valadon, acrobata, modelo preferido de Degas, mais tarde ela mesma pintora, seu pai desapareceu deixando nele uma hereditariedade alcoólica. E foi sob o domínio do álcool que pintou seus melhores trabalhos. Lúcido, seus quadros adquiriam uma certa segurança. Para o citado crítico, a obra de Utrillo permanecerá para os homens como um oásis de paz, mas também um enigma indecifrável.

Picasso: não busco, encontro

De Pablo Picasso (1881-1974) tudo já foi dito. E repetido. Nascido em Málaga, na Espanha, viveu a maior parte de sua vida na França, onde morreu. Para muitos, sua morte encerra a fase heróica da arte moderna — de qual ele é o próprio símbolo. Sua obra profética e multifacetada abrangue todos os meios de expressão plástica — pintura, escultura, desenho, gravura, objeto, cerâmica, tapeçaria etc. — e desenvolveu-se em muitas fases e estilos: Azul, Rosa, Negra (influência da escultura negro-africana, cujo exemplo marcante é "Senhores de Avinhão", de 1907/8), Grega (clássica), Cubista, Expressionista. Vocacionalmente expressionista, por sua origem espanhola, de que é exemplo o famoso painel "Guernica", que agora poderá ser exposto na Espanha, com a morte de Franco, cordão imposto pelo artista, sua contribuição mais duradoura, entretanto, será o Cubismo. Uma das afirmações mais conhecidas de Picasso é esta: "eu não busco, encontro". Para Picasso, por outro lado, "a arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade", "devemos pintar as coisas como as conhecemos e não como são". De Picasso, o público carrega três diões, um deles datado de 1922, época em que o Cubismo já havia cumprido seu importante papel.



"Nu sentado", óleo sobre tela, 1964, de Pablo Picasso.

Tanguy: balcão sobre o desconhecido

A propósito das pinturas de Yves Tanguy (1900, Paris) muitos críticos falam de evocações submarinas ou extraplanetárias, ou de paisagens orgânicas, povoadas de subanimais. Para Jacques Lassaigne, entretanto, trata-se, na verdade, de uma visão puramente subjetiva, povoadas de formas sem equivalência. Reunindo-se aos surrealistas, em 1925, Tanguy não recorre aos métodos de escrita automática, nem tem necessidade de nenhum pretexto para compor seus quadros. De sua obra se disse igualmente que "é um balcão aberto sobre o desconhecido" e, nela, Breton viu "expedição longínqua". Aliás, em 1939, Tanguy partiu para os Estados Unidos e antes de se fixar definitivamente em uma fazenda em Connecticut, esteve na Califórnia e no Canadá. Um óleo de Tanguy integra a exposição.



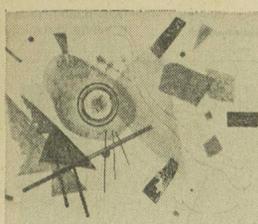
"O alfabeto do vento", óleo sobre tela, 1944, de Yves Tanguy.



"A bailarina", óleo sobre tela, 1929, de Fernand Léger.

Léger: primitivo do futuro

Fernand Léger (1881-1955) referia-se a si próprio e a seus companheiros de geração como "primitivos de uma época futura". Com o que explicava sua pintura fundamentalmente voltada para a captação da realidade visual do mundo moderno: edifícios, vitrines, publicidade, máquinas, etc. Como os futuristas italianos. Formado no rigor cubista, acrescentou-lhe dinamismo. Desde os tempos de Tarsila do Amaral, Léger tem influenciado de forma marcante a obra de vários artistas latino-americanos e brasileiros, que foram a Paris receber suas lições. Em sua obra, vocacionalmente muralista, homens, máquinas, plantas e edifícios procuram coexistir. Em 1924 dizia Léger: "já não existem paisagens, natureza, caras. O que existe é o quadro, o objeto, o quadro-objeto, o objeto-quadro, o objeto útil, inútil, belo. Na pintura moderna de hoje, o objeto deveria ser o personagem principal e desalojar o tema. Porque, quando por sua parte, as pessoas, as figuras, o corpo humano se convertem em objetos, nos é oferecida maior liberdade. Uma nuvem, uma máquina, uma árvore são elementos de tanto interesse quanto as pessoas ou figuras. (...) Adeus ao brando, ao vago, ao sonho, aos largos cabelos, bandolins, guitarras, gôndolas, tudo isso desapareceu... surge a vida nova, objetiva, realista".



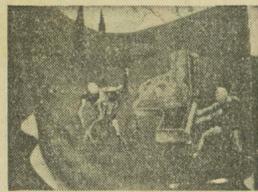
"Manchas dispersas", aquarela, 1923, de Wassily Kandinsky.

Kandinsky: música das esferas

Técnicamente, toda obra de arte surge tal como surge o cosmos: através de catástrofes que do caótico mugir dos instrumentos termina por fazer uma sinfonia que recebe o nome de música das esferas. Criar uma obra é criar um mundo. "A inevitável vontade de expressar o objeto é a força que designamos como necessidade interior. A evolução da arte é uma progressiva exteriorização do eterno-objetivo no temporal — subjetivo. Pintura e música revelam uma tendência crescente a criar valores absolutos, isto é, seres plenamente objetivos, autônomos". Quem assim falava, em uma auto-apresentação em 1913, era Wassily Kandinsky (1866-1944), nascido na Rússia, um dos fundadores do agrupamento expressionista "O Cavaleiro Azul" (1909), autor da primeira obra considerada totalmente abstrata (1910) e, durante muitos anos, professor da Bauhaus. Precursor da chamada abstração lírica, sensível ou relativa, que desembocaria 40 anos depois, no Tachismo e/ou Informalismo, Kandinsky é considerado um dos dez maiores pintores do século XX. Um óleo e uma aquarela (1932) de sua autoria integram a mostra.

Dali: entre o sólido e o líquido

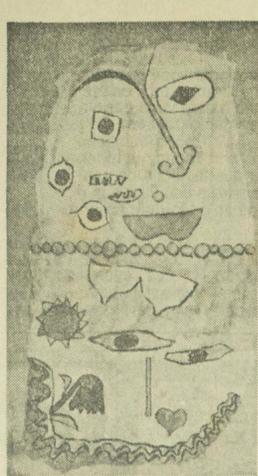
Monarquista confesso, chamado por André Breton de "avida dollars" (anagrama de seu nome), autor de filmes com Buñuel, Salvador Dali, catalão nascido em 1904, é um dos mais famosos pintores do século 20 e certamente uma das figuras mais controversas do Surrealismo. De certa maneira precursor dos happenings, seu comportamento ao extremo as distorções patológicas e mórbidas às quais submete a publicidade, etc. Em 1940 parte para os Estados Unidos onde obteve e continua obtendo o mais completo sucesso. Para o crítico e historiador Jacques Lassaigne, Dali permanece fiel à sua mitologia inicial, empurrando ao extremo as distorções patológicas e mórbidas às quais submete a matéria. Na sua pintura as formas permanecem sempre em uma situação intermédia entre o sólido e o líquido (é assim que retrata relógios, pianos, etc.) da mesma maneira como, ora agiganta, ora minimiza certos objetos, tudo isso em paisagens de sonho que se perdem em perspectivas e radiais. Autor de um método paranoico-crítico, as entrevistas e depoimentos de Dali são quase sempre inteligentes, brilhantes e hilariantes.



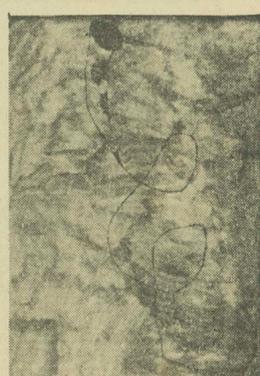
"A orquestra vermelha", óleo sobre tela, 1957, de Salvador Dali.

Klee: tornar visível

De Paul Klee (1879-1940) pintor suíço, com passagens pelo Expressionismo, Surrealismo e Arte Abstrata, serão apresentadas duas aquarelas, que, como quase todas as demais do artista, são pequenas. Como Kandinsky, Klee durante muitos anos, foi um dos mais respeitados professores da Bauhaus. Situação rara, foi ao mesmo tempo um criador puro e espontâneo e um teórico: ditou um Diário, um livro fundamental, Teoria da Arte Moderna e títulos, sempre surpreendentes, para as quase 10 mil obras que realizou. Para Klee "toda arte é reminiscência da noite e das origens ancestrais, das quais alguns fragmentos vivem ainda no artista". "Como uma criança nos limita, em suas brincadeiras, o pintor limita o jogo de forças que criaram o mundo". Dizendo "viver tão bem entre os mortos como entre os embriões", afirma que "a obra de arte é por excelência gênese. Ela não se apresenta jamais como um produto acabado. Certo fogo pretende viver". Sua frase definitiva: "A arte não reproduz o visível, torna visível".



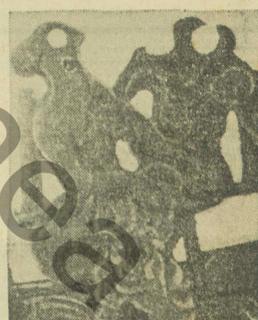
"Acima e abaixo", aquarela, 1932, de Paul Klee.



"Composição", óleo sobre tela, 1925, de Joan Miró.

Miró: no ato de desenhar o sonho

Joan Miró, como Dali, é catalão. Nasceu em Montroig, em 1893 e ainda está vivo e ativo. Passou sucessivamente do Cubismo ao Surrealismo e daí à abstração, não podendo hoje ser rotulado com nenhum dessesismos. Em sua obra o artista mantém vivo seu humor, sua imaginação, sua fantasia e sua frescura de emoção. "O que há em um quadro de Miró que exerce sobre o espectador este irresistível sortilégio? pergunta Frank Elgar, para responder: "É a forma? Mas não há absolutamente forma e sim elementos, embriões de formas, figuras rudimentares análogas aos "graffiti" que as crianças traçam sobre os muros, signos que lembram as gravações que os homens faziam nas cavernas". Na mostra de O GLOBO dois óleos de Miró, o primeiro de 1925, o segundo de 1968, caracterizam bem sua forma e maneira de compor, e que um historiador do Surrealismo, René Passeron, explica: "um quadro para Miró não é uma janela, mas um plano que é preciso percorrer, seguindo as linhas errantes, descontínuas e pontuadas de um grafista que é essencial. É no ato de desenhar que Miró faz passar seu sonho".



"Dois personagens", óleo sobre tela, 1927, de Max Ernst.

Ernst: esfregaduras

Max Ernst, hoje com 84 anos, nasceu em Brühl, na Alemanha. Foi um dos principais teóricos do Surrealismo, ao lado (e contra) André Breton. Vindo do Dadá, integrou o Surrealismo, mas sempre assumiu posição peculiar. Durante vários anos residiu nos Estados Unidos. Ernst ficou conhecido também, por ser inventor de processos de pintura, entre eles, destaca-se o que foi denominado de "frottage" (esfregadura: de "frotter" = esfregar); com um pedaço de chumbo que fazia deslizar sobre o papel consegua efeitos que lembravam sulcos de madeira, trama de tecidos, nervuras de folhas. Estas impressões eram em seguida habilmente completadas, resultando em estranhas paisagens e animais. A ideia da "frottage" lhe veio da leitura de textos de da Vinci, o qual sugeria o uso de esponjas embebidas na tinta sobre o papel para, ao observar as manchas daí resultantes, fazer aflorar imagens que conduziram em nós mesmos". De Max Ernst serão apresentados dois óleos datados de 1927 e 1928.